

Novas Escolas de Filosofia : Filosofia Helenística e Romana

As escolas de Platão e Aristóteles, a Academia e o Liceu, persistem em seus estudos, após a morte dos seus fundadores, através de seus discípulos. Ao lado dessas escolas, surgem, posteriormente novas sociedades acadêmicas que utilizam recursos novos e têm, também, novos objetivos.

As ciências *empíricas independentes* começam a se desenvolver na cultura grega, enquanto se extinguem a cultura grega clássica e a filosofia, que era a sua base.

Nas lutas entre os sucessores de Alexandre, ao lado do estado greco-macedônico, formaram-se o reino sírio dos Selêucidas, o egípcio dos Ptolomeus, o de Pérgamo e outros. A cultura grega, mesclando-se, nesses Estados, com as condições nacionais, deu origem à *cultura e filosofia helenísticas*. Nas novas metrópoles, Alexandria e Pérgamo, as ramificações científicas como a matemática (Euclides e outros), a mecânica (Arquimedes), a astronomia e a geografia matemática (Ptolomeu - seu sistema se manteve até Copérnico), a anatomia e a fisiologia (Galeno), a filologia e a gramática, se tornam independentes e a especulação metafísica se restringe ao problema da conduta (ética) e da ação política (Política). Foi nessas circunstâncias que os romanos desenvolveram uma nova forma de analisar a Natureza, o Direito e o Estado, que se constituiu na *filosofia helenístico-romana*.

Junto às escolas de Platão e Aristóteles, surgem as escolas Epicurista, a Estoica e a Cética, que foram corporações fechadas e persistentes e, numa época turbulenta, foram o porto seguro da vida intelectual. Todas as pessoas cultas tomaram posição quanto às suas doutrinas.

Escola Epicurista

A explicação do universo dada por Demócrito, que se baseou nos átomos e seus movimentos no vácuo, subsistiu como pensamento sensível, mesmo durante a época de Platão e Aristóteles.

Epicuro nasceu em Samos (341 a.C. - 270 a.C.). Em 306, adquiriu uma casa em Atenas, cercada por um lindo jardim, o famoso *Jardim de Epicuro*, onde lecionou até morrer.

Sua teoria da natureza retoma o materialismo de Demócrito: os átomos caem no vácuo e se combinam para formar todos os corpos. Sem negar a existência dos deuses - eles vivem em *inter-mundos* sem se preocupar com a Terra -, ensina que os fenômenos naturais não devem ser explicados pela *providência divina*. O perfeito conhecimento da natureza das coisas deverá livrar os homens dos dois maiores males que os afligem: o medo dos deuses e o medo da morte, que podem impedir o homem de ser feliz.

Ensina ainda que conhecemos as coisas porque delas se desprende algo como uma imagem material delas mesmas, que impressiona nosso espírito; assim, todas as nossas sensações são verdadeiras, porque emanam da própria coisa conhecida. Para ele, já conhecemos, por antecipação, todas as coisas, temos delas uma idéia e é por isso que podemos *reconhecer* os objetos.

A moral epicurista é essencialmente materialista, reconhecendo um único valor na vida humana, o prazer, que deriva do equilíbrio entre as partes do corpo. O sábio deve distinguir seus prazeres, submetendo-os ao critério da necessidade: *prazeres necessários* (são naturais, como comer, beber e dormir), *não necessários* (também naturais, como alimentos e bebidas raras, prazer sexual) podem ser aceitos sem que sejamos seus escravos, e *prazeres nem naturais nem necessários* (como glória, riqueza e ambição) dos quais o homem sábio deverá se afastar.

O epicurista deverá cultivar a *ataraxia*, isto é, o usufruir tranquilo de uma vida harmônica com a natureza; sua maior alegria deverá ser a *amizade filosófica* e ele deverá ficar afastado da política e da sociedade.

A concepção do mundo que vem deste modo equilibrado de ver as coisas, embora não original nem muito lógico, o do conhecimento que só confia nos sentidos, levou o nome de Epicuro através da Idade Média e até o século XVII, predecessora, tanto do conhecimento atômico da natureza, quanto da metafísica materialista.

Ainda uma consideração necessária: acusam-se os epicuristas de se terem entregue excessivamente aos prazeres da mesa, de terem admitido mulheres na escola, como se o jardim de Epicuro fosse um local mal frequentado e obscuro. Os que os acusam parecem desconhecer o papel da mulher na sociedade ateniense e o gosto que muitas manifestavam pela cultura; ignoram, ainda, que temos provas através de textos contemporâneos, de que Epicuro era frugal e de que cultivava o hábito de se reunir para refeições em comum. Isto não quer dizer que alguns discípulos não tenham se entregado a desregramentos, dando má reputação à escola; no entanto, como nota Sêneca, não foi por seguir Epicuro que eles se entregaram às paixões, senão que usaram o epicurismo para sob ele se acobertarem e justificarem seu mau comportamento.

Outros epicuristas - Metrodoro, na Grécia, e em Roma, Zenão de Sidon e Filodemo e os poetas Lucrécio e Horácio.

Alguns textos de Epicuro

- Assim como a medicina em nada beneficia, se não liberta dos males do corpo, assim também sucede com a filosofia, se não liberta das paixões da alma.

- O limite da magnitude dos prazeres é o afastamento de toda dor. E onde há prazer, enquanto existe, não há dor de corpo ou de espírito, ou de ambos.

- O essencial para a nossa felicidade é a nossa condição íntima: e desta somos nós os amos.

- Os átomos encontram-se eternamente em movimento contínuo, e uns se afastam entre si uma grande distância, outros detêm o seu impulso, quando, ao se desviarem, se entrelaçam com outros ou se encontram envolvidos por átomos entrelaçados ao seu redor. Isto produz a natureza do vazio, que separa cada um deles dos outros, por não ter capacidade de oferecer resistência. Então, a solidez própria dos átomos, por causa do choque, lança-os para trás, até que o entrelaçamento anule os efeitos do choque. E esse processo não tem princípio, pois são eternos os átomos e o vazio.

- Chamamos ao prazer princípio e fim da vida feliz. Com efeito, sabemos que é o primeiro bem, o bem inato, e que dele derivamos toda escolha ou recusa e chegamos a ele valorizando todo bem com critério do efeito que nos produz.

- Não deve supor-se anti-natural que a alma ressoe com os gritos da carne. A voz da carne diz: não se deve sofrer a fome, a sede e o frio. É difícil para a alma opor-se; antes, é perigoso para ela não escutar a prescrição da natureza, em virtude da sua exigência inata de bastar-se a si mesma.

- A Justiça não tem existência por si própria, mas sempre se encontra nas relações recíprocas, em qualquer tempo e lugar em que exista um pacto de não produzir nem sofrer dano.

- A serenidade espiritual é o fruto máximo da justiça.

- O justo é sumamente sereno, o injusto cheio da maior perturbação.

Dilthey, Wilhem - *Historia de la Filosofía*, Fondo de Cultura Económica, México, 1951.

Os *Pensadores* - Livro V, Abril S.A., São Paulo, 1973.